

# CORPO - FUMO

JULIANA MATSUMURA

curadoria COLETIVO TARIMBA

## DIANTE DE UM OUROBOROS

Em “Elogio da Sombra”, o autor japonês Junichiro Tanizaki reflete sobre o lugar estético e cultural da sombra na cultura do seu país. Enquanto no Ocidente contemporâneo existe uma busca excessiva pela luz, pela verdade última e definitiva, para os japoneses é a sombra que permite a observação mais verídica da realidade. Tanizaki diz que aquilo que chamamos ‘beleza’ deve sempre crescer a partir das realidades da vida. Seus ancestrais, forçados a viver em quartos escuros, descobriram a beleza nas sombras; descobriram uma forma de guiar sombras em direção àquilo que é belo. Sendo assim, a luz é apenas uma intermediária entre o visível e o invisível. É justamente a sombra, o lugar fronteiro onde há condições propícias para a experiência de uma verdade que não é absoluta.

A luz sempre esteve associada à verdade. Se hoje é associada ao pensamento científico, para os medievais a luz era, nas palavras de S. Tomás de Aquino “a matéria imaterial, portanto a mais próxima de Deus” (Aquino, *De Aeternitate Mundi*, 1976). Dicotomicamente, a escuridão é frequentemente associada ao oculto, ao profano, ao desconhecido. É nesse sentido que prevalece a máxima de que a consciência pode retratar algo sem representar algo real de fato: a sombra, a penumbra, é a interseção onde há flexibilidade para acomodar diversas visões de mundos e saberes – enfatizando os ancestrais e os da natureza.

Na prática artística de Juliana Matsumura observamos não a busca pela forma concreta, definitiva, mas sim a vontade de explorar a potencialidade das suas incertezas: a sombra, produto de dois opostos; a desconstrução do círculo, símbolo do todo e da perfeição; a própria busca por uma ancestralidade espiritual. No seu trabalho, Juliana subtilmente cria a possibilidade para que essas incongruências existam, seja pela forma e materiais que usa para trabalhar a luz – os

tecidos, a folha de ouro, a escolha dos papéis Thai Bamboo e Thai Mulberry, que propiciam maior retenção de luz, ao invés de refleti-la –, da deformação de formas perfeitas – linhas e círculos –, ou da criação de um espaço devaneante para representar a transmutação através de símbolos ancestrais e da espiritualidade.

As fronteiras circunscritas e posteriormente expandidas são evidenciadas pela perspectiva formal, mas também em movimento-reflexo da própria criação das obras – seja ao pensar a palpabilidade da criação que ocorre na junção da prensa aos plásticos, desperdícios têxteis, tintas e suportes que vão dos mais fluidos aos mais densos, seja ao elucidar o formato das ideias, da consciência e da consequente busca pela ascensão espiritual baseada na ideia, circular, de um ciclo sem início nem fim identificáveis que, eventualmente, segue para uma expansão à luz de uma metáfora do próprio universo.

Uma “linguagem ao infinito” – como é a literatura para Foucault – é aqui o papel da gravura para Juliana Matsumura (Foucault, *Linguagem e Literatura*, 2000, pp. 155). Da arte que reflete o processo de exterioridade, que delinea os círculos e as margens aos que vai extrapolar, num processo de ocupação do território de fora, do território do fogo que se contrapõe ao ideário instituído de ser-se apenas o que é visível e que se fecha nos limites do corpo físico.

A passagem do corpo físico para o plano espiritual é representada aqui pelo Butsudán, que pode ser explicado como um pequeno “altar ancestral” ou “altar Budista” em formato de caixa. Presente nas casas japonesas, é usado para rituais familiares que, feitos de forma mais intimista, cultuam a vida e a morte. A memória dos ancestrais é lembrada e honrada pelos vivos, que pedem proteção, saúde e conforto. Em *Corpo-Fumo*, a obra *Interlúdio* representa a transmutação humana através do “desconhecido”, da ancestralidade, que se expande em diferentes cosmovisões. Nessa trajetória, a referência aos quatro elementos surge não como matéria-prima, mas sim como uma conexão entre a natureza e a espiritualidade primordial que amplificam a visão do humano em várias culturas.

Ao mesmo tempo escuta-se o ar vibrátil que confere à obra um corpo

novo. Este é um som que envolve e desvanece, a “ressonância fundamental,” que escrevia Jean-Luc Nancy em *Corpus* (Nancy, *Corpus*, 2006, pp. 121-122). Com atenção redobrada ao tempo dos silêncios não absolutos e das proposições contingentes, ecoam galhos em surdina na cavidade do ouvido de quem escuta.

As sensações e possibilidades de leitura expandem-se ainda nesta exposição com o estímulo da exploração intuitiva e aflorada pelos demais sentidos e dá vazão, construída a partir de uma ambiência que flerta com o onírico, a multitudine de conceitos pensados e referidos por Juliana nesta fase que se identifica como a mais madura da sua produção. O suporte é o órgão acumulador da memória, que perdura - num gesto palimpséstico - como sistematizador da incapacidade de esquecimento, dos pensamentos e gestos que ficam no inconsciente e podem voltar a qualquer momento, uma vez que existiram e deixaram ali as suas marcas.

A obra *Corpo-fumo*, assim como as obras da série Rocha Ígnea, carregam em si as marcas que escorrem como de um esvaziar do inconsciente, em veios esculpados através do tempo, como a água faz às rochas. É como se, num gesto tarkoviskiano de arar e cultivar a alma através da arte, retratasse a singularidade dos momentos gravados na memória, pois, como refere o cineasta russo no seu livro *Esculpir o tempo*, esta “singularidade é como a nota dominante de cada momento da existência (...). O artista, portanto, tenta apreender esse princípio e torná-lo concreto, renovando-o a cada vez; a cada nova tentativa, mesmo que em vão, ele tenta obter uma imagem completa da Verdade da existência humana” (Tarkovsky, *Esculpir o tempo*, 1998, pp. 122).

O espiritual encontra-se com o meio físico. Nesse encontro imagético revela-se a expansão do universo de corpos simples, como aponta Louis-Auguste Blanqui, o “infinito no seu conjunto em cada uma das suas frações” (Blanqui, *A eternidade pelos astros*, 1872). Este corpo de trabalho, de facto, convida a refletir sobre transmutações inevitáveis, sobre a impermanência da vida, evocando relações entre temas como a natureza, a espiritualidade, a ancestralidade e gestos de eternidade. Questionam-se pontos de passagem entre o material e o espiritual, entre o natural e o artificial. Interrogam-se os acontecimentos no limite entre memória e esquecimento, os enigmas entre a luz e a escuridão, os movimentos entre o início e o fim do universo, da vida e da humanidade.

Estes encontros e reencontros na obra de Juliana Matsumura fazem-se através da acumulação de formas e gestos naturais ao corpo e espírito humano. Vem à memória o poema puro do jovem Arthur Rimbaud em 1872: “De novo me invade. / Quem? - A Eternidade.”

## SOBRE A ARTISTA

Juliana Matsumura é uma artista visual nipo-brasileira que vive e trabalha em Lisboa desde 2013. Formada em Desenho na Escola Ar.Co, frequentou também a Graduação em Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo. É membro do coletivo de arte Risco Coletivo e faz também parte do grupo de arte contemporânea Now.Here Lisboa. Destacam-se as seguintes exposições nas quais participou: Memórias da Água - Quantos a4 cabem no Átato, Barreiro (2020); GRÃO -AiR em Antiga Capitania de Aveiro (2020); Mostra Jovens Criadores 2018 em NOVA SBE, Carcavelos (2019); Evocatório na galeria MUTE, Lisboa (2018); Plataforma de Artes Emergentes #18 na Leyden Gallery, Londres (2018) e Encontros do Olhar na Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2016).